

## Comunicação, migração e trabalho escravo contemporâneo: caminhos metodológicos para uma pesquisa em colaboração

*Communication, migration and contemporary slave labor: methodological paths for a collaborative research*

*Comunicación, migración y trabajo esclavo contemporáneo: caminos metodológicos para una investigación colaborativa*

Flávia de Almeida MOURA<sup>1</sup>  
Jeyciane Elizabeth Sá SANTOS<sup>2</sup>  
Raiama PORTELA<sup>3</sup>

### Resumo

Apresentamos alguns alicerces teóricos para a construção de estratégias metodológicas de campo mais participativas e que levam em consideração a agência dos sujeitos pesquisados (MARQUES; GENRO, 2016). Também trazemos o relato de duas produções que resultaram desta pesquisa: (1) a campanha radiofônica *Trabalho Certo: mesmo na precisão, não caia na escravidão* com o objetivo de sensibilizar e combater o trabalho escravo contemporâneo e (2) Uma cartilha paradidática *Do quilombo pra rua: o João que vive em nós*; que tem o objetivo de valorizar o cotidiano das comunidades quilombolas e alertar os jovens para a migração (MENEZES, 2002) para fins de trabalho.

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação, professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/Mestrado Profissional da UFMA (Universidade Federal do Maranhão). E-mail: [flavia.moura@ufma.br](mailto:flavia.moura@ufma.br). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-6672-2319>

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação/Mestrado Profissional da UFMA (Universidade Federal do Maranhão). Email: [jeyciane.sa@discente.ufma.br](mailto:jeyciane.sa@discente.ufma.br). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5218-1099>

<sup>3</sup> mestre em design pelo PPGDg (Programa de Pós-Graduação em Design) da UFMA (Universidade Federal do Maranhão). Email: [raiama.portela@gmail.com](mailto:raiama.portela@gmail.com). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9925-6190>



**Palavras-chave:** Comunicação; Migração; Trabalho escravo contemporâneo; Maranhão.

### Abstract

We present some theoretical foundations for the construction of more participatory field methodological strategies that take into account the agency of the researched subjects (MARQUES; GENRO, 2016). We also bring the report of two productions that resulted from this research: (1) the radio campaign Work Right: even in precision, do not fall into slavery with the objective of raising awareness and combating contemporary slave labor and (2) A paradigmatic booklet From the Quilombo to street: the John who lives in us; which aims to value the daily life of quilombola communities and alert young people to migration (MENEZES, 2002) for work purposes.

**Keywords:** Communication; Migration; Contemporary slave labor; Maranhão.

### Resumen

Presentamos algunos fundamentos teóricos para la construcción de estrategias metodológicas de campo más participativas que tengan en cuenta la agencia de los sujetos investigados (MARQUES; GENRO, 2016). Traemos también el relato de dos producciones que resultaron de esta investigación: (1) la campaña radial Trabaja Bien: aun en precisión, no caigas en la esclavitud con el objetivo de sensibilizar y combatir el trabajo esclavo contemporáneo y (2) Un cuadernillo paradigmático Del quilombo a la calle: el Juan que vive en nosotros; que tiene como objetivo valorar la vida cotidiana de las comunidades quilombolas y alertar a los jóvenes sobre la migración (MENEZES, 2002) con fines laborales.

**Palabras clave:** Comunicación; Migración; Trabajo esclavo contemporáneo; Maranhão.

---

### Introdução

O artigo é parte dos resultados de uma pesquisa em desenvolvimento intitulada *Comunicação, Migração e Trabalho Escravo Contemporâneo: trajetórias de*



*trabalhadores(as) da Baixada Maranhense*<sup>4</sup>. Esta investigação tem como objetivo principal construir trajetórias de vida de trabalhadores e trabalhadoras vulneráveis a condições degradantes de trabalho e utiliza-se principalmente de metodologias calcadas em narrativas de vida (BERTAUX, 2010), isto é, modos de descrição densa influenciada pela tradição etnográfica e também pela microssociologia que busca observar realidades sócio-históricas de sujeitos em determinados grupos sociais específicos.

Apresentamos alguns alicerces teóricos para a construção de estratégias metodológicas de campo mais participativas e que levam em consideração a agência dos sujeitos pesquisados. Estamos na busca desses arranjos a partir da inspiração da comunicação dialógica freireana e do acúmulo de experiências como pesquisadores nos últimos anos de formação acadêmica. Durante o trabalho de campo desta investigação, observamos a agência de muitos homens e mulheres com relação à perspectiva da prevenção e combate ao trabalho escravo contemporâneo<sup>5</sup> e entendemos que fazê-los partícipes da pesquisa não somente como objetos, mas também como sujeitos, traria maior riqueza nas análises.

Partimos da ideia de que toda pesquisa deve apresentar à sociedade alguma intervenção social e que o simples fato de adentrarmos no campo, conversarmos com os sujeitos e questioná-los sobre determinadas realidades sociais, já se constitui como uma forma de transformação da realidade; seja ela material (subsidiando políticas públicas, por exemplo) ou mesmo ideológica, de percepção dos próprios sujeitos pesquisados; uma vez que podem nunca terem elaborado uma reflexão parecida a partir do seu próprio cotidiano ou ainda sobre o simples fato de estar no mundo. Deste modo, entendemos a responsabilidade dessa interlocução e apostamos num diálogo cada vez mais co-participativo; co-elaborado e co-produzido de forma coletiva.

As experiências de trabalho de campo junto a trabalhadores e trabalhadoras rurais no Maranhão no contexto do trabalho escravo contemporâneo (MOURA, 2009; 2016) instigou-nos a questionar certas práticas e instrumentos de pesquisa de campo

---

<sup>4</sup> O projeto tem vigência de 2020 a 2022 com financiamento da FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico do Maranhão).

<sup>5</sup> A terminologia trabalho escravo contemporâneo é uma categoria analítica construída no contexto da Sociologia Brasileira (ESTERCI, 1994) que dá nome a condições análogas à de trabalho escravo, de acordo com o Artigo 149 do Código Penal Brasileiro, que traça as características de submissão a condições degradantes de trabalho, jornadas exaustivas, servidão por dívida e trabalho forçado.



no que concerne ao processo relacional da mediação com os sujeitos pesquisados. É, todavia, neste âmbito que discutimos teórica e metodologicamente alguns autores das Ciências Humanas, como Antropologia, Sociologia, Pedagogia e Comunicação. Estas têm nos ajudado a encontrar estratégias metodológicas mais participativas e coletivas junto aos sujeitos subalternizados pesquisados, deslocando seus lugares de fala não apenas como ‘informantes’, mas como sujeitos participantes da construção do conhecimento científico.

Temos como arcabouço teórico metodológico o conceito de trabalho escravo por precisão (MOURA, 2009), os pressupostos da pesquisa em colaboração e ética do cuidado (MARQUES; GENRO, 2016), bem como uma abordagem dialógica entre pesquisadores e pesquisados à luz de Freire (1977) e Prado (2016).

Apresentamos aqui duas produções resultantes desta pesquisa em andamento: (1) a campanha radiofônica lançada em junho de 2021 *Trabalho Certo: mesmo na precisão, não caia na escravidão*<sup>6</sup> com o objetivo de sensibilizar e combater o trabalho escravo contemporâneo. (2) Uma cartilha paradidática *Do quilombo pra rua: o João que vive em nós*<sup>7</sup>; um material que conta a história fictícia de João, um quilombola que passa por condições de migração (MENEZES, 2010) e percorre o caminho de muitos que nascem e vivem em sua localidade. A cartilha, lançada em fevereiro de 2022, está sendo utilizada em escolas quilombolas do Maranhão e pode ser acessada em suas versões digital ou impressa. Reconhecemos aqui as práticas comunicativas (FRANÇA, 2005) que nos ajudam a entender os processos de interação entre os sujeitos bem como entre eles e as instituições.

A comunicação é esse processo em que as imagens, representações são produzidas, trocadas, atualizadas no bojo de relações; esse processo em que sujeitos interlocutores produzem, se apropriam e atualizam permanentemente os sentidos que moldam seu mundo e, em última instância, o próprio mundo. Portanto, o lugar da comunicação (das práticas comunicativas) é um lugar constituinte – e o olhar (abordagem) comunicacional é um olhar que busca apreender esse movimento de constituição. (FRANÇA, 2005, p. 23).

---

<sup>6</sup> A campanha pode ser acessada pelo Canal do Youtube Trabalho Certo. <https://www.youtube.com/channel/UC66NJJWpRJhoymztBVaOLMQ>

<sup>7</sup> A versão impressa da cartilha pode ser acessada pelo link <https://drive.google.com/file/d/1TMY7PB1S4ggVoXBT2Zca1rJA-eLSqqeB/view>



A partir deste conceito de Comunicação como prática de intervenção social, centramos a análise nos processos de construção coletiva de uma pesquisa em colaboração (MARQUES; GENRO, 2016). A ideia é refletir a partir da participação dos sujeitos (pesquisadores e pesquisados) em todas as etapas da pesquisa: desde a problematização, durante todas as etapas do trabalho de campo, chegando até a produção de materiais capazes de promover intervenções sociais na luta pelo combate ao trabalho escravo contemporâneo no Maranhão.

### **Modos de pesquisar em colaboração: buscando o diálogo a partir de uma ética do cuidado**

Pamela Marques e Maria Genro (2016) no artigo *Por uma ética do cuidado: em busca de caminhos descoloniais para a pesquisa social com grupos subalternizados* nos proporcionou uma visão profunda sobre as formas como se observa, se trata, se reflete, se evidencia e se descreve o mundo social, a partir de uma perspectiva cuidadosa e não violenta, a realidade do sujeito subalterno, mas trazendo-o como parte deste empreendimento. Para elas, a pesquisa cuidadosa é,

[...] mais do que apontar molduras prontas às quais ajustar a matéria a ser apreendida durante a pesquisa social, refletir sobre as preocupações com que se empreende o caminho da pesquisa, sondando algumas formulações epistêmicas interessantes que se refletem em posturas éticas-metodológicas mais sensíveis (MARQUES; GENRO, 2016, p.324).

Ou seja, o desafio que lançamos nesta experiência aqui narrada é romper com a questão antiética da pesquisa com o subalterno<sup>8</sup> no exercício de tornar a fala deste ‘outro visível’ sem que o pesquisador seja a única fonte de reconhecimento discursivo no que tange à emancipação de falar e ser ouvido.

Sobre a pesquisa em colaboração, as autoras apontam algumas características principais como (1) a autoria do reconhecimento, (2) o compartilhamento do conhecimento dialógico e (3) a autorização do conhecimento produzido a partir de convergência constante no processo de elaboração.

[...], um sujeito consciente da complexidade dos mecanismos que agem sobre si (ou consigo) quando interpela o social é capaz de

---

<sup>8</sup> Para o conceito de subalterno, ver Gayatri Chakravorty Spivak, *Pode o subalterno falar?*, Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.



produzir pesquisa cuidadosa, ou seja, aquele que não descuida do que pesa sobre as decisões que, como, cientistas sociais, tomamos antes, durante e depois de ir a campo, escapando tanto do racionalismo dogmático quanto do relativismo ingênuo (MARQUES; GENRO, 2016, p.327).

Desta feita, o pesquisador observa a realidade objetiva não só como algo disciplinado ou dado a partir de sua experiência acadêmica, mas também através da objetivação das coisas em uma perspectiva conjunta com o sujeito pesquisado, que perpassa um olhar singular.

Segundo Marques e Genro (2016), a escuta é algo que depende da forma interacional com o sujeito pesquisado. Exemplo prático temos, principalmente, os contextos das palavras similares com múltiplas significações, mas com contextos antagônicos culturalmente. Para essas palavras, por mais que ouvimos várias vezes e pedimos explicações, elas só podem ser apreendidas à medida que vivenciamos o mundo prático das mesmas; e conviver no mundo prático dessas palavras é envolver-se com a escuta do outro como uma escuta dinâmica que vai além da nossa.

Como um exemplo interessante sobre essa escuta em nossas pesquisas, trazemos o termo *precisão*, identificada por MOURA (2009) durante trabalho de campo da pesquisa do mestrado<sup>9</sup>, quando entrevistou vários trabalhadores rurais maranhenses que diziam de forma recorrente que só “caíam na escravidão, quando estavam na *precisão*”. Como resultado do trabalho, a autora cria a categoria escravo por *precisão* (2009) para se referir a uma condição estrutural vulnerável socialmente e economicamente dos sujeitos que se submetem a condições degradantes de trabalho. Na pesquisa atual, o termo *precisão* volta para compor o slogan da campanha radiofônica *Trabalho certo: mesmo na precisão, não caia na escravidão*.

A pesquisa dialógica proposta neste artigo tem inspiração especialmente no trabalho do pedagogo brasileiro Paulo Freire. No livro *Comunicação ou Extensão* (1977), ele parte da análise crítica da semântica do termo *extensão*, passando pelo equívoco gnosiológico, detendo-se em considerações a propósito da invasão cultural, discutindo a reforma agrária e a mudança, opondo-se à *extensão* e, por fim, ampliando

---

<sup>9</sup> A pesquisa resultou no livro intitulado *Escravos da precisão: economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais em Codó (MA)*, editado pela EDUFMA, São Luís, 2009.



a educação como uma situação gnosiológica, cuja prática das ‘assistências técnicas’ teria outras dimensões (FREIRE, 1977).

Assim também pensamos ao construir uma metodologia dialógica que atenda à demanda do pesquisador e do sujeito pesquisado durante a experiência de campo. Neste caso, Freire (1977, p.33) adianta que “tentar superar o conhecimento preponderantemente sensível por um conhecimento, que, partindo do sensível, alcança a razão da realidade”, muitas das vezes, perpassa por um único olhar dogmático e treinado durante a experiência do sujeito pesquisador.

Adonia Prado (2016) no artigo *Educação contra a escravidão contemporânea em perspectiva decolonial*, diz que o diálogo funciona como metodologia quando são ingredientes fundamentais na teoria e na prática da pedagogia decolonial, isto é, transformando o vertical em horizontal de modo que a produção do conhecimento não seja resultado de uma experiência unilateral.

A este fenômeno, Freire (1977) denomina de educação como uma situação gnosiológica, isto é, em que o pesquisador não apresenta o seu problema de pesquisa e sozinho o problematiza para si, mas juntamente com o sujeito pesquisado problematizam a realidade pesquisada como conteúdos compartilhados. “A educação, enquanto uma situação gnosiológica que solidariza educador e educando como sujeitos cognoscentes, abre a estes múltiplos e indispensáveis caminhos à sua afirmação como seres da práxis” (FREIRE, 1977, p.85).

Para isso, o pedagogo dialógico apresenta dois indispensáveis conceitos. O primeiro é o da *codificação*, relativo à apreensão e problematização da realidade existente, onde nenhuma relação de produção de conhecimento se tornaria possível sem a codificação dos hábitos, sejam estes materiais ou abstratos de um determinado indivíduo ou grupo social. Assim, o pesquisador só daria andamento à sua pesquisa após tornar possível a codificação do problema pesquisado; as mediações constantes com o sujeito pesquisado; e a construção ou obtenção do conhecimento a partir de uma determinada realidade.

De outro lado, ele apresenta o conceito de *decodificação*, relacionado com a reflexão da realidade apreendida [existencial] e problematizada através de um outro olhar. Prado (2016, p.465) ao afirmar que “a tarefa do educador do Programa Escravo, nem pensar!, seria a de fazer o papel desbravador, desvelador, no sentido de ajudar a



desnaturalizar situações de colonialismo,” desmistifica o dado por meio de um olhar familiar/não familiar do trabalhador, assujeitado à realidade do dia a dia, para o sujeito que estranha a realidade diária por meio de sua leitura crítica. Para a pesquisadora, as práticas educativas podem servir como instrumento de oposição produtiva, ativa e criativa a empreendimentos e situações de dominação.

O constante diálogo entre pesquisadores e pesquisados e a possibilidade de reinvenção dos processos no decorrer do trabalho de campo têm nos proporcionado vivenciar experiências às quais dificilmente teríamos acesso caso estivéssemos engessados no formato tradicional de pesquisa social na concepção de sujeitos (pesquisadores) e objetos (pesquisados). Já tivemos a oportunidade, por exemplo, de ouvir em vídeo chamadas anciãos das comunidades quilombolas que nos relataram os processos de certificação junto à Fundação Palmares, bem como as lutas pela terra e os processos de ancestralidade desses sujeitos. Pajés e pais de santo que praticam no seu dia a dia experiências de religiosidade, ligadas a matrizes africanas e indígenas, nos relataram formas de convívio social e de luta pela terra nas quais os lados espiritual e material estão mais próximos do que para a maioria dos grupos sociais ocidentais. Isto é, a ancestralidade desses sujeitos define caminhos de luta em prol da manutenção de seus territórios.

### **Produção coletiva para a intervenção social: relatos das experiências de pesquisa em Comunicação com quilombolas no Maranhão**

Apresentamos a seguir duas experiências de pesquisa vivenciadas no contexto da pandemia da Covid-19, entre agosto de 2020 e fevereiro de 2022.

Em março de 2020, o grupo de pesquisadores que integram o supracitado projeto de pesquisa estava no ponto de iniciar as visitas às comunidades para a realização do trabalho de campo, visando traçar as trajetórias de vida de trabalhadores e trabalhadoras rurais da Baixada Maranhense, no contexto de migração para fins de trabalho (MENEZES, 2010). Surpreendidos pelo distanciamento social necessário no contexto pandêmico desde março de 2020, o grupo ficou imobilizado e começou a realizar alguns contatos com lideranças do movimento social que iriam intermediar as entrevistas junto aos sujeitos pesquisados, liderados principalmente pela CPT (Comissão Pastoral da Terra).





Com a premência de manter a pesquisa e realizar trabalhos de campo, lançamos na aventura de “encontrar” com as pessoas remotamente para, inclusive, entendermos os impactos dessa nova realidade na região que pretendíamos investigar. No início da pandemia da Covid-19, entre abril e maio de 2020, todos ainda muito assustados e com as incertezas do dia a dia, tivemos dificuldades de adentrar neste universo de forma online. Além da falta de acesso ou precariedade da internet, os agentes do movimento social estavam cuidando da sobrevivência das comunidades rurais, em meio a projetos de distribuição de cestas básicas e tentando viabilizar os acessos ao auxílio emergencial do governo federal, que pouco chegou à região.

Respeitamos esse momento e recuamos. Passados alguns meses, entre agosto e setembro de 2020, em contato periódico via WhatsApp com algumas lideranças, nos foi oportunizado um encontro online com alguns representantes de movimentos sociais com inserção na Baixada Maranhense interessados em um dos materiais que sugerimos anteriormente para a construção coletiva. Tratava-se da campanha radiofônica de sensibilização e combate ao trabalho escravo, mais tarde batizada de *Trabalho certo: mesmo na precisão, não caia na escravidão*.

Na ocasião, os representantes da CPT e do MOQUIBOM (Movimento das Comunidades Quilombolas do Maranhão) nos informaram sobre os impactos da pandemia nas comunidades, em decorrência dos fluxos migratórios sazonais. Os trabalhadores maranhenses que estavam em outros estados e acabaram retornando ao Maranhão antecipadamente, devido à questão sanitária da Covid-19, acabaram por se tornarem, em alguns casos, vetores de infecção pelo vírus nas comunidades rurais.

A partir de então, iniciamos rodadas de conversa online, via Google Meet, entre representantes da CPT, do MOQUIBOM e da ABRAÇO (Associação Brasileira de Rádios Comunitárias) – Regional do Maranhão e começamos a construir a campanha radiofônica com o objetivo de sensibilizar os trabalhadores e trabalhadoras sobre os seus direitos, bem como alertando acerca das ofertas de trabalho fora do estado (principalmente nos estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e Pará) e a necessidade de migração, muitas vezes em precárias condições de transporte e de trabalho nos destinos. A campanha foi lançada em junho de 2021, de forma online, e atualmente circula em rádios comerciais e comunitárias da região.



A campanha radiofônica *Trabalho certo: mesmo na precisão, não caia na escravidão* é composta por sete peças radiofônicas (cinco *spots* e dois *podcasts*). O primeiro passo para a elaboração desses materiais foi a definição dos temas que seriam abordados em cada produto. Em seguida, determinamos que os *spots*, por terem menor duração e maior facilidade de distribuição, seriam destinados ao público de maior interesse da campanha: os trabalhadores rurais da Baixada Maranhense. Enquanto isso, os *podcasts* estariam voltados principalmente para as lideranças comunitárias e para os movimentos e entidades que atuam no combate à escravidão moderna na região. As decisões foram tomadas em conjunto, entre pesquisadores e agentes do movimento social, em constante diálogo.

Uma vez que o intuito da campanha é difundir a informação para prevenir e combater o aliciamento de trabalhadores rurais da Baixada Maranhense para o trabalho escravo, os temas foram escolhidos de forma a passar uma mensagem clara e objetiva para o público em questão. Entre os *spots* os temas ficaram divididos em: o que é trabalho escravo, quem é o gato/o que é aliciamento, formas de denúncia, o que é trabalho digno e o que é violação dos direitos. Já os *podcasts*, por apresentarem uma duração maior, focaram em temáticas mais específicas como a atuação da CPT na Baixada Maranhense e o relato do caso de um trabalhador resgatado de condições análogas a de escravidão.

Com o objetivo de caracterizar a campanha, facilitar a compreensão e chamar a atenção do público, definimos um modelo de abertura e uma vinheta para os produtos. Na maioria dos roteiros, com exceção do *spot* referente às formas de denúncia e ao *podcast* do relato de caso, foi adotado o texto “Ei, você sabe o que é (...) Não? Então, bora entender” como padrão para iniciar as peças. Utilizamos esse formato com o objetivo de trazer coloquialidade para o texto, intensificar o caráter informativo/educativo da campanha e proporcionar uma interação com os ouvintes. Ao final de cada produto foi inserida uma vinheta com a assinatura da campanha, *Trabalho Certo: mesmo na precisão, não caia na escravidão*, para que essa possa ser identificada tanto pelos trabalhadores e as lideranças comunitárias, quanto pelas rádios e redes de comunicação online onde circulará a campanha.



**Figura 1:** Campanha radiofônica *Trabalho Certo: mesmo na precisão, não caia na escravidão*



Fonte: GETECOM (2022)

A nossa principal preocupação ao desenvolver os roteiros era que o texto dialogasse com aqueles que estão mais expostos ao aliciamento para o trabalho escravo. Por isso, utilizamos duas vozes: uma masculina e uma feminina. Mesmo que a predominância de vítimas deste crime seja do sexo masculino, também são comuns os casos de mulheres que são resgatadas de condições análogas à escravidão, logo, para que a campanha atingisse um público mais diverso, optamos por utilizar as duas vozes.

Em constante diálogo com os representantes da entidade, principalmente Ronilson Costa, da Brígida Rocha e da Carla Pereira, conseguimos entender um pouco mais acerca de suas estratégias de combate ao trabalho escravo contemporâneo da Baixada Maranhense.

Nossa atuação se dá principalmente na base, no acompanhamento a comunidades quilombolas fazendo o resgate da memória, da história, mas sobretudo despertar o sentimento de pertença àquele espaço de vida, àquele território. Também a importância de permanecer no lugar onde estão as suas raízes, suas ancestralidades. (PEREIRA, 2021, informação verbal)<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Trecho de entrevista concedida por Carla Pereira, agente da CPT-MA, no dia 17 de abril de 2021, por meio de WhatsApp.



Essa parceria também possibilitou a comunicação com líderes das comunidades da região, como o Raimundo Ribeiro, do Quilombo Mundico, no município de Santa Helena. O contato com as lideranças permitiu que compreendêssemos melhor como funciona o aliciamento de pessoas para o trabalho escravo nessa região, o que motiva esses indivíduos a migrar e quem são eles.

Muitos ficam sabendo através de amigos que já tão pra lá, outros através de encarregados né, hoje em dia levam o nome de encarregado, mas que, que antes eles levavam o nome de ‘gato’, e aí acabam influenciando os jovens a, a deixarem suas cidades e (...) ir pra lá trabalhar (...) pra tentar um sustento. (RIBEIRO, 2021, informação verbal) <sup>11</sup>

A fala de Carla, Raimundo e demais agentes comunitários unido à ‘reivindicação’ de Naildo Braga, do MOQUIBOM, na ocasião do lançamento da campanha radiofônica nos levou à produção de outro material. Trata-se da cartilha paradidática *Do quilombo pra rua: o João que vive em nós* voltada para escolas quilombolas da região com o objetivo de alertar para as condições de migração de trabalhadores e trabalhadoras da região sem conhecimento de seus direitos. O material, lançado em formato digital em fevereiro de 2022, foi construído coletivamente entre os pesquisadores e os mediadores do movimento social que intermediaram as conversas online com lideranças comunitárias da Baixada Maranhense. De agosto a dezembro de 2021, foram realizadas várias reuniões online com entrevistas e rodas de conversa sobre os conteúdos e linguagem do material desenvolvido, com foco nas escolas quilombolas de ensino fundamental e médio na região estudada.

O objetivo da cartilha é resgatar a história e a memória dessas localidades, bem como a identidade quilombola e a importância da permanência dos trabalhadores no território. Tal intento visa alcançar políticas públicas capazes de garantir a manutenção da reprodução familiar, a partir da economia coletiva das produções locais, tanto nas questões alimentares quanto nas questões culturais, ancoradas na ancestralidade desses povos.

---

<sup>11</sup> Trecho de entrevista concedida por Raimundo Ribeiro, do Quilombo Mundico, município de Santa Helena – MA, realizada em 18 de abril de 2021 por intermédio do WhatsApp.



Adentrar nesse cotidiano das comunidades quilombolas fez com que o material fosse construído de forma a valorizar o pertencimento desses sujeitos em seus territórios. Neste sentido, a narrativa da cartilha, em vez de enfatizar o combate ao trabalho escravo diretamente, focou na importância da permanência nos territórios, assim como na valorização da cultura e dos modos de fazer locais.

O material paradidático foi construído durante seis meses por muitas mãos. Mais de trinta pessoas foram entrevistadas coletiva e individualmente de acordo com a necessidade do grupo de pesquisa, entendendo que determinadas atividades fazem parte do cotidiano e da economia familiar das comunidades.

Ao final, foi apresentada uma proposta do grupo de pesquisadores às lideranças comunitárias que ainda puderam dar opiniões e sugerir modificações até o fechamento da edição final da cartilha. O material, disponibilizado em formato digital de uso livre e irrestrito, foi lançado no dia 15 de fevereiro de 2022 pela Plataforma do Google Meet. Com temas transversais como migração e trabalho escravo contemporâneo, a cartilha já está sendo utilizada por escolas quilombolas do Maranhão.

**Figura 2:** Cartilha *Do quilombo pra rua: o João que vive em nós*



Fonte: GETECOM (2022)



A narrativa traz um personagem fictício, o João, que nasceu no quilombo e mostra o cotidiano de vida, trabalho e religiosidade do lugar. À medida que João cresce, começa a perceber a movimentação de jovens que saem dos seus locais de origem para trabalhar em outros estados brasileiros, em busca de recursos para “melhorar de vida”. O drama de João, entre o sentimento de pertencimento ao território e a vontade de sair para conhecer outros lugares, traduz a vivência de muitos adolescentes e jovens da região. Ele acaba migrando e caindo em situação de trabalho degradante. A narrativa continua com a saga dos maus tratos e da fuga. João volta ao quilombo e busca, a partir de então, ser um agente social capaz de transformar a vida das pessoas de sua comunidade.

Além da história fictícia baseada em fatos (colhidos principalmente das entrevistas realizadas durante a construção da cartilha), o material paradidático traz atividades interativas para atrair a leitura de crianças e adolescentes e, de forma lúdica, tratar de um problema tão sério e urgente.

A realização da campanha de sensibilização e combate ao trabalho escravo na Baixada Maranhense tal como a construção coletiva da cartilha paradidática aqui descrita, tem o objetivo de levar as informações sobre aliciamento e formas de trabalho degradante e alertar trabalhadores e trabalhadoras para denunciar condições análogas ao trabalho escravo. O uso da mídia radiofônica se deu pela facilidade de disseminação junto aos públicos, além do baixo custo para a produção e distribuição. Já o material paradidático está sendo usado pelas escolas da região em formato digital, mas há uma articulação junto ao MPT-MA (Ministério Público do Trabalho no Maranhão) de destinar recursos de TAC (Termos de Ajustamento de Conduta) firmados em fiscalizações de trabalho escravo contemporâneo para viabilizar a impressão do material que será largamente distribuído junto à rede pública de educação do Maranhão, ainda em 2022.

Buscamos com essa proposta utilizar uma linguagem apropriada a esses públicos, trazendo elementos que gerem a sensação de familiaridade e identificação. Pretendemos expandir o projeto com a criação de conteúdos audiovisuais para as plataformas digitais e redes sociais, como *YouTube*, *Instagram* e *Facebook*, na busca de atingir outros públicos que possam auxiliar na prevenção e combate ao trabalho



escravo contemporâneo. Acreditamos, assim, dar uma contribuição da universidade pública a essas demandas sociais tão urgentes e necessárias.

### **Considerações finais**

Neste artigo, apresentamos algumas experiências de pesquisa em colaboração que estamos vivenciando atualmente. A ideia é garantir a participação dos sujeitos (pesquisadores e pesquisados) em todas as etapas da pesquisa: desde a problematização, durante todas as etapas do trabalho de campo, chegando até a produção de materiais capazes de promover intervenções sociais na luta pelo combate ao trabalho escravo contemporâneo no Maranhão.

Os caminhos trilhados até aqui nos mostram que é possível desenvolver uma pesquisa em colaboração e que os agentes pesquisados, muitas vezes, podem contribuir para as reflexões realizadas no decorrer dos achados da investigação.

Trazemos aqui um percurso de subsídios teóricos e metodológicos que tem nos guiado no exercício do trabalho de campo em pesquisas sociais vivenciadas nos últimos anos. A discussão central que nos move neste exercício é a participação dos sujeitos pesquisados em todo o processo do desenvolvimento de uma pesquisa, desde a problematização do objeto, recortado a partir de fenômenos sociais, durante o trabalho de campo e a coleta de dados, ao ato de sistematização e classificação dos achados de pesquisa a partir dos interesses mútuos de transformação social e, finalmente, na escrita dos relatórios de pesquisa, que podem ser documentos importantes para subsidiar políticas públicas capazes de trazer benefícios para os grupos subalternos pesquisados.

Entendemos que esse exercício não é fácil, tanto pela cultura disciplinar que temos na academia quanto pelos modos de vida dos sujeitos pesquisados, historicamente silenciados e assujeitados e, por isso, nem sempre disponíveis para construir juntos com os pesquisadores abordagens mais interessantes e mais próximas da realidade estudada.

Mas também sabemos que esses caminhos metodológicos dialógicos que escolhemos para trilhar, inspirados na pesquisa em colaboração (MARQUES, GENRO, 2016), fazem parte de um processo de ruptura no contexto científico mais tradicional e que, por essa razão, também implica em mudanças de comportamento e de aberturas



epistemológicas para outros saberes e fazeres. Neste sentido, os pesquisadores que buscam este caminho devem ter em mente que necessitam de uma autoavaliação constante sobre seu papel social, não repassando responsabilidades da investigação aos sujeitos pesquisados e, ao mesmo tempo, oportunizando protagonismo a esses sujeitos historicamente objetificados pela academia. A experiência é desafiadora e requer vontade e cuidado por parte dos pesquisadores.

É desafiador constituir outros olhares e outras epistemologias das que estamos acostumados, mas é necessário fazermos esse exercício dialógico junto aos sujeitos pesquisados uma vez que os mesmos, em geral, têm muito mais a contribuir do que um pesquisador imagina. Inspirados em Freire (1977), partimos do sensível para alcançarmos a razão da realidade. Este é o esforço e, até agora, tem valido a pena.

## Referências

- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal: EDFRN, 2010.
- ESTERCI, Neide. **Escravos da desigualdade**: um estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje. Rio de Janeiro: CEDI, 1994.
- FRANÇA, V. R. V. Representações, mídias e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MARQUES, Pâmela; GENRO, Maria. **Por uma ética do cuidado**: em busca de caminhos descoloniais para a pesquisa social com grupos subalternizados. Araraquara. v. 21, n. 41, jul.-dez./2016, p. 323-339.
- MENEZES, Marilda A. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes**: um estudo de famílias de camponeses-migrantes. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, João Pessoa: 2002.
- MOURA, Flávia de Almeida. **Escravos da Precisão**: economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais em Codó (MA). São Luís: EDUFMA, 2009.
- MOURA, Flávia de Almeida. **Trabalho escravo e mídia**: olhares de trabalhadores rurais maranhenses. São Luís: EDUFMA, 2016.
- PRADO, Adonia. Educação contra a escravidão contemporânea em perspectiva decolonial. In: **Discussões Contemporâneas sobre trabalho escravo**: Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Manual x, 2016.
- SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.





Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.